

À SOMBRA DE FERNANDO PESSOA. SECUNDARIZAÇÃO E (AUTO)RECONHECIMENTO EM ALFREDO GUISADO

IN THE SHADOW OF FERNANDO PESSOA. SECONDARYIZATION AND (SELF)RECOGNITION IN ALFREDO GUISADO

Carlos Pazos-Justo^{1*}

RESUMO

Alfredo Guisado, vinculado ao denominado primeiro modernismo português, interveio no campo literário português, principalmente a partir das páginas do jornal opositor *República*, expondo as suas ideias e interesses aquando o processo de canonização do Grupo de *Orpheu*. Analisam-se aqui estas tomadas de posição, em regra críticas com o tal processo, concluindo a voz guisadiana ter escasso eco no meio literário da altura e atual.

PALAVRAS-CHAVE: Alfredo Guisado, *Orpheu*, campo literário português, autorreconhecimento.

ABSTRACT

Alfredo Guisado, linked to the so-called first Portuguese modernism, intervened in the Portuguese literary field, mainly from the pages of the opposition newspaper *República*, exposing his ideas and interests during the process of canonization of the Grupo de *Orpheu*. These positions are analyzed here, which are generally critical of this process, concluding that the Guisadian voice has little echo in the contemporary and contemporary literary world.

KEYWORDS: Alfredo Guisado, *Orpheu*, Portuguese literary field, self-recognition.

^{1*} Carlos Pazos-Justo (Redondela, 1975) é Licenciado em Filologia Galega (1998) e em Filologia Portuguesa (1999) pela Universidade de Santiago de Compostela. Como bolsista do Instituto Camões é pós-graduado pela Universidade do Porto (2001). É Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa pela Universidade do Minho (2009) e Máster en Cultura Española Contemporánea (2009) pela Universidad de Alcalá. Foi Leitor do Centro de Estudos Galegos (2003/2008) e na actualidade é Professor da Área de Estudos Espanhóis e Hispano-Americanos do Departamento de Estudos Românicos da Universidade do Minho, onde dirigiu o Mestrado em Espanhol Língua Segunda e Língua Estrangeira. É Doutor em Ciências da Cultura pela Universidade do Minho e integra a Linha de Ciências da Literatura do Centro de Estudos Humanísticos. Prémio Carvalho Calero de Investigação em 2009 com Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921).



Introdução

No processo de canonização dos autores e obras do chamado primeiro modernismo português, nomeadamente Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e José de Almada Negreiros, Alfredo Guisado ou não é convocado ou, quando mencionado, ocupa geralmente uma posição secundária. Tendo em consideração este sintético quadro (desenvolvido parcialmente mais abaixo), nas páginas seguintes, pretendemos mostrar e analisar algumas das várias tomadas de posição do autor em foco relativamente ao mencionado processo de (re)conhecimento dos órficos.²

Alfredo Guisado (Lisboa, 30/10/1891-30/11/1975), descendente de uma família de proprietários do sul da Galiza, começou a sua trajetória literária publicando poemas na terra dos seus pais, no semanário *El Tea*, graças, cabe supor, aos conhecimentos que o seu pai, António Venâncio Guisado, tinha na terra das origens; o seu envolvimento com a Galiza em termos literários e até políticos foi intenso durante a década de 10 e em datas posteriores (o seu livro, *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos*, publicado em Lisboa em 1921, é um bom exemplo).

O seu interesse pela literatura e os seus vínculos com os futuros órficos relacionam-se, no entanto, com a facto de Alfredo Guisado estudar no Liceu do Carmo (aproximadamente entre 1905 e 1911), em virtude do qual, entra em contacto com Mário de Sá-Carneiro, António Cardoso Ponce de León, António Ferro e, presumivelmente, Augusto Cunha. Em 1913, *grosso modo*, o denominado Grupo de *Orpheu* estaria já em vias de formação, participando Alfredo Guisado dos seus projetos. Assim o espelha, por exemplo, a reprodução de duas quadras de Fernando Pessoa, com data de 4/06/1913, que Alfredo Guisado publicou no jornal *República* a 14/05/1960 com uma significativa legenda (*vid.* Figura 1).

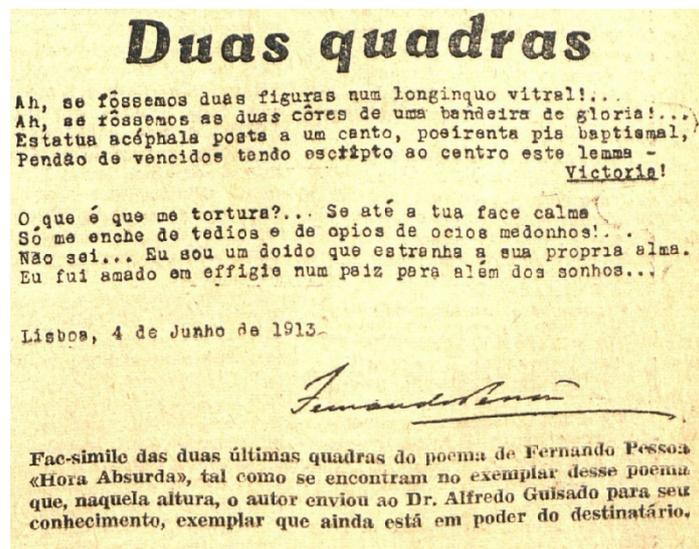


Figura 1. “Duas quadras”
Fonte: *República*, 14/05/1960, p. 5

² Desenvolvemos aqui, com novos materiais, a análise feita em PAZOS-JUSTO, 2010 E 2015.

Em 1915, Alfredo Guisado participa ativamente no primeiro número da revista *Orpheu*: além de contribuir financeiramente, figura como administrador e intervém com treze sonetos. Segundo Apolinário Lourenço (LOURENÇO, 2015, p. 287) “Alfredo Guisado pertenceu inequivocamente ao núcleo duro do projecto órfico”. É preciso ter presente, porém, que Alfredo Guisado não participa no segundo número da revista nem, do mesmo modo, vai constar qualquer referência a ele nas provas de *Orpheu 3* (cfr. Sá-Carneiro *apud* Silva 2001, p. 204). Aliás, em coautoria com António Ferro, perante a “fúria da República” (JÚDICE, 1986, p. 105) publica uma carta n’*O Mundo* a 7/06/1915 desvinculando-se da *Orpheu*.³

Apesar do aparente distanciamento para com os órficos, as intervenções guisadianas no campo literário português irão ser sistemáticas durante vários anos, primeiro como autor, e mais tarde, como crítico literário nas páginas do jornal *República*, de que é diretor-adjunto entre 1954 e 1972, notabilizando-se de alguma maneira como um dos agentes da oposição consentida no seio do Estado Novo⁴. Publica ao todo onze livros: *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913), *Distância* (1914), *Elogio da Paisagem* (1915), *As Treze Baladas das Mãos Frias* (1916), *Mais Alto* (1917), *Ânfora* (1918), *A lenda do Rei Boneco* (1920) e, o já citado, *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos* (1921); mais à frente, publica *As Cinco Chagas de Cristo* (1927), *Tempo de Orpheu* (1969) e, por último, *A pastora e o lobo e outras histórias. Contos para as crianças* (1974).⁵

3 Na carta publicada n’*O Mundo*, afirmavam:

Tendo chegado ao nosso conhecimento que um sr. Raul Leal, num manifesto, a título de colaborador do *Orfeu* e o sr. Alvaro de Campos, colaborador também da mesma revista, numa carta dirigida á *Capital*, visaram a alta personalidade do sr. dr. Affonso Costa, por quem sentimos a maior admiração e cujo estado actual muito nos preocupa, vimos declarar que repudiamos qualquer solidariedade com esses senhores, o que o primeiro dos signatários já tinha feito em seguida á publicação do primeiro número do *Orfeu*, fazendo o segundo a afirmação que desde hoje deixa de ter qualquer responsabilidade como editor da mesma revista. Agradecendo desde já a publicação desta carta, somos correligionarios de sempre. – Alfredo Pedro Guisado, Antonio Ferro.

4 Descreviam assim no *República* (3/04/1954, p. 1) o produtor em foco (com evidente ênfase na trajetória política) aquando, em 1954, passa a ostentar a direção adjunta:

Possuidor de um nome feito na persistente devoção com que já ao longo de muitos anos tem servido a causa da Pátria e da Republica, antigo e desinteressado colaborador deste jornal [...] Brillantíssimo espírito de escritor e de poeta primoroso, Alfredo Guisado marcou, também, na vida nacional, lugar de evidente relevo, principalmente pela notável obra que realizou como vereador da Camara Municipal de Lisboa e como antigo deputado da Nação.

E serviu sempre o País e a Republica com o mais fervoroso patriotismo e a maior isenção. Pois é o seu brilhante espírito, o seu desinteresse, o seu patriotismo e a sua inabalável fé nas instituições democráticas que mais próxima e permanentemente passaremos a ter junto de nós, nesta fogueira intensa de jornalismo político, que tão rapidamente nos gasta e queima.

5 Temos notícia ainda de um outro livro de poemas inédito, *Semíramis*, sem data, hoje em mãos da família Guisado. Por outro lado, o próprio Guisado, publica o poema “Quadras” (*República*, 19/11/1960, p. 5) com a seguinte indicação: “Dum livro de cem quadras concluído em 1919, intitulado «Nossa Senhora da Alma», que o autor não publicou nem tenciona publicar”. Do *Nossa Senhora da Alma*, poemário anunciado em 1921 aquando da publicação de *Xente d’a Aldea...* e mencionado na correspondência com a namorada, não temos mais notícias.

À sombra de Fernando Pessoa...

Como se sabe, é na parte final da década de 20 do século passado quando alguns dos membros do grupo de *Orpheu* de 1915 começam a ser conhecidos e reconhecidos graças ao empenho dos membros da revista *Presença* (1927-1938). José Régio, um dos fundadores da *Presença*, por exemplo, interessou-se pelo primeiro modernismo português ao licenciar-se em Filologia Românica em 1925 (Coimbra) com a tese *As Correntes e As Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* (cfr. AGUIAR e SILVA, 1995, pp. 157-158). O próprio José Régio, no terceiro número da *Presença*, publicado em 1927, sob o título “Da Geração Modernista” (8/04/1927, p. 1-2)⁶, debruça-se sobre a obra pessoana, sendo já Fernando Pessoa o *mestre* dos *presencistas*. João Gaspar Simões, outro dos diretores da revista, demonstra interesse sobretudo, pelo menos nos primeiros trabalhos publicados, pela *vida e obra* de Fernando Pessoa; as cartas deste (1929-1934), que Gaspar Simões publicou, dão conta do mencionado interesse (Simões, 1957; cfr. Martines, 1998). Na *Seara Nova*, sob o título “Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa”, Gaspar Simões publica três artigos (SIMÕES, 1930, 1930a e 1930b), apenas um ano após iniciar a relação epistolar com F. Pessoa. Em 1936, note-se, após o falecimento de Pessoa, a *Presença* dedica-lhe um número completo. A partir desta data, na década de 40, em particular, será quando membros ou colaboradores da *Presença* (A. Casais Monteiro e J. Gaspar Simões, nomeadamente) comecem a publicar a produção conhecida e inédita de Fernando Pessoa (por exemplo, Simões e Montalvor, 1943[1942]).

Neste quadro, Alfredo Guisado, o opositor republicano após o golpe de 1926 (detido e interrogado pela PIDE em 1928, um ano depois do surgimento da *Presença*, por alegadamente ter conspirado contra a regime vigente), ou não é convocado ou é relegado (como outros autores vinculados à *Orpheu*) a uma posição subalterna entre os *órficos*. Assim, por exemplo, o mencionava Gaspar Simões (1930a, p. 293): “Outros nomes aparecem no *Orfeu*, Ângelo de Lima [...]; e ainda Alfredo Pedro Guisado, Côrtes Rodrigues e Luís de Montalvor, dos quais o último me parece o mais importante e original”. Mais à frente, o mesmo Gaspar Simões vai estabelecer uma relação de dependência de Alfredo Guisado para com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro (SIMÕES, 1959, pp. 518-519):

⁶ Já antes, no 1º número, sob o título “Literatura viva” (10/03/1927, p. 1-2), J. Régio havia elencado os modelos literários a seguir, entre eles F. Pessoa:

os autos de Gil Vicente são espantosamente vivos, e as comédias de Sá de Miranda irremediavelmente mortas; que todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de António Botto; que os Sonetos de Camões são maravilhosos, e os de António Ferreira massadores; que um pequeno prefácio de Fernando Pessoa diz mais que um grande artigo de Fidelino de Figueiredo; que há mais força íntima em catorze versos de Antero que num poemeto de Junqueiro; e que é mais belo um adágio popular do que uma frase de literato.

É sobre [A. Guisado] que a influência de Fernando Pessoa e do paúlismo se manifesta mais absorvente. Na verdade, a essa data já [...] era autor de um volume de versos intitulado *Rimas da Noite e da Tristeza*, aparecido em 1913, isto é, anteriormente à publicação em *A Renascença* das *Impressões do Crepúsculo* com que Pessoa inicia o paúlismo. Nada fazia prever, efectivamente, que o autor dessas rimas, de sentido anedótico e ingénua concepção, viesse a adoptar, dentro de pouco, um estilo perfeitamente antagónico do dos versos da sua estreia. [Mais à frente] Alfredo Pedro Guisado dá à estampa uma *plaquette* de versos, que intitula *Distância* (1914), em que largamente se expande a estética do paúlismo. Quando em 1915 sai o primeiro número do *Orpheu*, nos seus *Trezes Sonetos* aí insertos, segue de perto o mestre [...] A poesia de *Distância*, como a do *Elogio da Paisagem*, livro que virá à luz no ano seguinte (1915), é profundamente impregnada de paúlismo à maneira de Sá-Carneiro.

A vinculação a Fernando Pessoa também é invocada à hora de explicar o pseudónimo guisadiano Pedro de Menezes (SIMÕES, 1959, p. 519): “A adopção do pseudónimo [...] parece obedecer a um propósito. Graças a ele, pensava, talvez, o poeta ter procedido a uma dessas ‘duplicações de personalidade’ [de] Fernando Pessoa”. Em referência a uma quadra de *Ânfora* mas, porventura, com intenção conclusiva, Gaspar Simões (1959: 520) caracteriza assim a obra guisadiana:

Pouco musical, mas hábil na associação das imagens e na decomposição dos estados de espírito, Pedro de Menezes exprime, com aplicação, um aspecto metódico do modernismo, e quando, mais tarde, volta a recuperar o seu nome verdadeiro, publicando *As Cinco Chagas de Cristo* (1927), obra de sentido patriótico, encontram-lo voltado, de novo, para o velho Saudosismo, que nem por ser adubado por uma imagística que cresceu em terras paúlicas é menos lirismo tradicional, especialmente no gosto do romancista.

Em linha, em parte, com as propostas de Gaspar Simões, Óscar Lopes analisa a obra guisadiana concluindo que “o mais injustamente esquecido dos poetas de *Orpheu* é Alfredo Guisado” (LOPES, 1973, p. 715)⁷. Estas serão, em nossa interpretação, as linhas de força que irão marcar os alicerces da posição do autor em foco no sistema literário português: um escritor menor entre os órficos e, no entanto, “injustamente esquecido”⁸.

Perante este quadro, aqui rapidamente rascunhado, Alfredo Guisado vai pronunciar-se, ao longo de várias décadas, relativamente ao processo de canonização dos produtores literários de *Orpheu*, ele incluído. Começa a intervir nesta direcção, até praticamente o fim da sua vida, na década de 30, nas páginas do opositor *O Diabo*. Sob o título “Fernando Pessoa e a sua influência na literatura moderna” (*O Diabo*, 17/12/1935), significando-se como um dos membros do Grupo do *Orpheu*, destaca a figura de Fernando Pessoa⁹; pouco depois, em “Algumas palavras sobre

7 Esta análise acerca da produção de Alfredo Guisado, segundo a informação manejada, já tinha sido publicada bem antes de 1973, aliás consta como legenda na fita com o que foi publicado o guisadiano *Tempo de Orfeu* de 1969.

8 Analisamos com algum detalhe o “conhecimento construído” e o “estado da questão” à volta de Alfredo Guisado em PAZOS-JUSTO, 2015, pp. 89-106.

9 No texto, A. Guisado afirmava

‘Orfeu’” (*O Diabo*, 12/01/1936; cf. LOURENÇO, 2003, pp. 191-196), desvincula a proposta órfica do Futurismo.

Será nas décadas seguintes, nas páginas do jornal de oposição tolerada *República*, onde Alfredo Guisado, responsável durante dezenas de anos pela crítica literária e até artística, vai intervir com relativa frequência acerca do que se ia escrevendo sobre o *Orpheu* e, particularmente, os seus membros. As tomadas de posição guisadianas ao respeito abordam a temática órfica, em regra, com claro sentido crítico.

Assim, por exemplo, recebe com uma crítica frontal o *Vida e obra de Fernando Pessoa* de João Gaspar Simões (1950): “Não foi feliz. Pouco feliz e afastando-se muitas vezes da verdade” (*República*, 15/09/1950, pp. 3 e 7). Ademais de destacar a obra de Sá-Carneiro (“tinha uma sensibilidade artística mais acentuada; os seus versos cercavam-se dum sabor poético [...] mais forte, de maior beleza”), afeia ao autor, por exemplo, que se “é verdade que Pessoa apreciava as bebidas alcoólicas, não menos verdade é também que não era costume encontrar-se embriagado [...] Nunca o vi bêbado e [...] fui um dos amigos que mais de perto o acompanhou”¹⁰. Alfredo Guisado, interessado, cabe interpretar, em expor-se como um dos últimos órficos vivos que privava com Pessoa, põe em questão as fontes do crítico literário e matiza o papel do autor dos heterónimos no seio do grupo, de alguma forma insurgindo-se contra estatuto central que a crítica coetânea estava a elaborar:

Parece que o seu autor recorreu a vários indivíduos para que o informassem, não procurando, porém, para tal fim, nenhum dos componentes do grupo do «Orfeu» que ainda estão vivos – Almada Negreiros, Cortes Rodrigues e eu – ou o seu colaborador Raul Leal [...]. O movimento do «Orfeu» foi, pois, pedra pesada e caída com força, sobre a superfície calma e parada desse lago adormecido [...]. Fernando Pessoa ajudou a atirar aquela pedra e emprestou-lhe força especial porque era uma das figuras mais representativas desse movimento. Mas não o dirigiu como parece desprender-se das páginas do livro [...]. Ali ninguém manda, ninguém se impunha. Por isso ninguém tinha de obedecer [...]. Não é verdade também que Fernando Pessoa tivesse tido um interesse enorme no aparecimento do «Orfeu». Concordou, ficou entusiasmado com a ideia e nada mais.

Como sempre que aparece alguma coisa a quebrar a monotonia da vida nacional, surgiu como não podia deixar de ser, a luta encarniçada contra aqueles que tentavam limpar da poeira um passado que enchia de reumatismo a nossa literatura, uma luta que ia da crítica violenta guiada pela má vontade, até à ameaça de arruaceiros. A luta foi de tal ordem que nos vimos obrigados a suspender ‘Orfeu’ depois da saída do 2º número, porque chegaram ao desafôo de organizarem grupos de caceteiros para nos espancarem, no caso de continuarmos a publicação desta revista. Um conhecido académico que costuma falar ao ouvido de determinada senhora, para vir aos jornais dizer palavrões e pra, usando da sua qualidade de médico, afirmar que o caso de ‘Orfeu’ era um caso de paranóia.

¹⁰ Ainda sobre o trabalho de Gaspar Simões, insistia anos depois (*República*, 13/01/1961, p. 5):

Quando, há tempos, me referi a uma outra biografia, esta em dois volumes, da autoria dum escritor que é conhecido como crítico literário, tive ocasião de dizer, nestas mesmas colunas, que induzia o leitor em erro a pouco recomendável fotografia que nelas se publicava e em que se apresentava o homem cuja memória se tinha em vista homenagear, como um candidato a amator de boa pinga, transformado já em colecionador de bebedeiras e tanto que se tinha deixado retratar a ingerir copos de vinho tinto numa das casas da especialidade.

No mesmo texto, Alfredo Guisado contradiz que ele próprio tivesse nascido na Galiza e dá a sua versão acerca do uso do seu pseudónimo Pedro de Meneses (segundo Gaspar Simões, através daquele “procurara assim desligar-se do seu passado ‘órfico’”, SIMÕES, 1950, p. 280, n. 14) que começou a usar após *Orpheu*.¹¹

Mais relevante, Alfredo Guisado rebate a apreciação de Gaspar Simões acerca da posição política de Fernando Pessoa: “o sr. dr. Gaspar Simões, aponta Fernando Pessoa como ‘fundamentalmente anti-democrata’”, afirmação que recusa com “[o]ra o autor deste livro, no fim do segundo volume, transcreve um curioso documento assinado por Pessoa em 1935, que, segundo me parece está em contradição com aquelas afirmações”¹². Alfredo Guisado argumenta a sua interpretação com base no conhecido texto pessoano “Fernando Pessoa. Nome completo” (com data de 30/03/1935; recolhido em, por exemplo, BARRETO, 2015, pp. 288-293). De facto, este texto, só postumamente publicado, será reproduzido em várias ocasiões no *República*. Em fins de 1960, por exemplo, a republicação deste texto é prologada com críticas ao que se escrevia em redor de Fernando Pessoa, apesar de que “[d]as barbaridades que cada um desses indivíduos escreve ou diz não vem mal ao mundo” (*República*, 3/12/1960, p. 5). A questão política, no entanto, sim parece ter uma outra relevância para Alfredo Guisado:

Já não sucede o mesmo com a parte política. Apontam o seu folheto “O Interregno”, publicado em 1928. Afinal as suas declarações escritas e assinadas oito meses certos antes da sua morte [...] tudo explicam, definindo, claramente, as suas posições religiosa, iniciática, patriótica e social.

O trecho citado mostra o interesse do democrata Guisado em intervir no campo literário com o fim de, poderíamos dizer, *desfascistizar* o outrora companheiro do *Orpheu*¹³; tomada de posição, repare-se, claramente em linha com a sua posição no campo político até o seu falecimento. Finaliza com as rotundas palavras: “Como vêem, o sr. dr. João Gaspar Simões não foi feliz no seu cometimento. E no que diz respeito a cingir-se á verdade, nem é bom falar nisso”.

11 “adoptei o pseudónimo de Pedro de Meneses logo após a saída do primeiro numero do «Orfeu», quando da publicação do «Elogio da Paisagem», que nesta altura foi posto á venda, com o fim de ver como a crítica receberia o livro, não sabendo quem era o Autor. Todos os meus camaradas conheciam a razão da mudança de nome. Depois disso ainda estive para colaborar no segundo numero da revista, o que não fiz por se ter extraviado o poema a ele destinado, um poema longo, de que não tinha deixado cópia” (*República*, 15/09/1950, pp. 3 e 7)

12 O autor em foco acrescenta a seguir: “Nesse documento, o seu signatário declara-se monárquico, mas porque considera a ‘monarquia completamente inviável em Portugal’, diz que votaria, embora com pena, pela Republica, se houvesse um plebiscito entre regimes. Confessa-se conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo e absolutamente anti-reaccionário. Afirma também que é ‘anti-comunista’ e ‘anti-socialista. De onde se deduz, portanto, que ele era ‘fundamentalmente anti-democrata’?”

13 “reaccionário”, “‘adepto convicto’ de Salazar”, “pré-fascista”, “admirador de Mussolini”, “elitista autoritário”, etc. foram algumas das expressões utilizadas para caraterizar o pensamento político de Pessoa que recolhe e impugna José Barreto (2015, p. 10). Evidentemente, não é objetivo destas páginas caraterizar a ideologia pessoana (assunto, aliás, assaz complexo e ainda aparentemente em discussão; *cf.* Fonseca, 2021), mas sim analisar as tomadas de posição de Alfredo Guisado relativamente também a esta dimensão.

Nos inícios da década de 60 do século passado, já com Pessoa no centro do sistema literário, são numerosas as tomadas de posição, nas páginas do *República*, perante o processo em curso. No 45º aniversário da publicação da *Orpheu*, o “República das Letras”, secção literária do jornal dirigida por Alfredo Guisado, presta ampla atenção aos órficos a 26/03/1960 (pp. 4 e 5). A atenção, note-se, pretende de alguma forma reivindicar a figura dos membros do Grupo do *Orpheu* vivos na altura: ademais de um desenho de Almada Negreiros, o jornal inclui vários textos sobre a *Orpheu*, dois poemas, um de Alfredo Guisado (com a indicação de “inédito”) e outro de Côrtes-Rodrigues; reproduz também uma fotografia de “Alfredo Guisado, Cortes-Rodrigues e Almada Negreiros os três sobreviventes do grupo do «Orpheu»”. Outra fotografia dos “três últimos sobreviventes” será publicada no mesmo jornal a 22/10/1960 (vid. Figura 2).



Figura 2. “Os do «Orpheu»”
Fonte: *República*, 22/10/1960, p. 5

Um mês escasso depois, Guisado transcreve, sob o título “Um livro de Sá-Carneiro” (*República*, 23/04/1960, p. 5), um trecho de uma carta que Sá-Carneiro lhe tinha enviado de Paris em julho de 1914; a página do jornal, “República das Letras”, inclui o poema “Sugestão” de Sá-Carneiro, de 1914, com a legenda “Poema que Mário de Sá-Carneiro enviou ao Dr. Alfredo Guisado numa das suas cartas”. Na crónica, rememora a publicação do primeiro número da *Orpheu* (“íamos, de vez em quando, o Pessoa, o Sá-Carneiro e eu, para perto da Livraria...”), como noutras ocasiões, dando notícia do escândalo que a *Orpheu* provocou na Lisboa da altura. A crónica traduz de alguma forma a vontade de Guisado se significar como testemunha privilegiado. Testemunha e protagonista veementemente contrário à “moda” da publicação de epistolários:

Tudo que diga respeito ao grande poeta da «Mensagem» tem muita procura e muita venda, esgotando sucessivas edições [...] Quem o havia de dizer em 1915, naquele tempo em que tão injuriado foi e considerado de perfeita nulidade pelos então tidos como críticos, que apenas o achavam digno de ser troçado [...] Está na moda a publicação de cartas de várias figuras das mais conhecidas quer nas letras, quer na política. Já tive ocasião de declarar que discordo.

Também eu possuía bastantes cartas que Sá Carneiro me escrevera de Paris e de Barcelona. Fui procurado, há poucos meses, por alguém, para lhas emprestar e autorizar a sua publicação. Recusei.

A fim desta minha vontade se alargar para lá da morte, decidi destruí-las e assim fiz.

Fiquei, sòmente, com duas¹⁴. E por quê? Como, em artigos vários, destas duas cartas de Sá-Carneiro transcrevi passagens, apenas passagens que melhor elucidavam os leitores a respeito do que, nesses artigos, se tratava, podia vir a acontecer que, em determinada altura, se duvidasse da veracidade do conteúdo dessas mesmas cartas, na parte que tinha dado a conhecer (*República*, 16/07/1960, p. 5).

A inequívoca vontade de intervir no campo literário da altura, a partir das páginas do *República*, para contar a verdade acerca de *Orfeu* ou Fernando Pessoa, materializar-se-ia no projeto gorado do livro *Orfeu por dentro. Memórias*, como refere em “Comentário. Um livro de memórias” (*República*, 30/07/1960, p. 5):

O «Orfeu» tem servido para rendoso negócio de livraria. As edições explicando o que foi essa tão discutida revista, quem eram e o que valiam os homens que a fundaram e assistiram ao seu desaparecimento, os acontecimentos que em volta dela se deram, etc., têm sido sucessivas e o público que se interessa por literatura vai-as esgotando constantemente. O mais curioso é que, em redor desse período, tem-se inventado uma série de coisas que, no intuito de venda garantida, alguns críticos, ensaístas, biógrafos, etc., mais ou menos competentes e de imaginação mais ou menos perfeita, vão publicando a todo o momento.

Fernando Pessoa fora encarregado, pelos companheiros do grupo, de escrever a História do «Orfeu». Não o fez. Restam apenas três dos componentes desse grupo. Se desaparecem, não faltará quem se dedique a inventar o que entenda, confiando no desconhecimento de quem os leia e afirmando conhecerem os assuntos inventados como produto de confidências obtidas dos que os podiam informar, visto que, uma vez aqueles desaparecidos, já não poderão confirmar ou desmentir.

O projeto, segundo indica Guisado, seria desenvolvido por Côrtes-Rodrigues, Almada Negreiros e ele próprio, com um objetivo bem definido: “se indicarão os que fizeram parte do grupo [...] vários pontos que poucos ou ninguém conhece e outros que se torna indispensável rectificar para não continuarem a induzir em erro os leitores desprevenidos”. O *Orfeu por dentro*.

14 Cartas que tornaria públicas, em 1970, Luís Amaro no *Diário de Notícias* (AMARO, 1970; CFR. SÁ-CARNEIRO, 1977, PP. 69-73).

Memórias não chegou a ser publicado apesar dos vários anúncios a confirmá-lo e de Alfredo Guisado publicar vários textos no *República* com a indicação “Do livro a sair em breve: «O Orpheu por dentro»”. Se num princípio, a iniciativa foi divulgada como sendo um projeto editorial em coautoria¹⁵, em 1963 o tal *Orfeu por dentro* devia ser já só um projeto individual de Guisado¹⁶; ainda aquando da publicação de *Tempo de Orfeu* (GUISADO, 1969) indicava-se como futura publicação guisadiana o inédito *O ‘Orpheu’ por dentro (história de uma revista literária)*. Cabe a possibilidade, talvez remota, de o texto inédito estar em mãos de algum colecionador ou alfarrabista como tem acontecido com numerosos materiais do espólio guisadiano (cfr. SILVA, 2017).

Em relação a Fernando Pessoa, ainda em 1960, após amplo elogio ao autor da *Mensagem*, Alfredo Guisado (“Comentário. Um monumento”, *República*, 24/09/1960, p. 5) propõe a construção de um monumento dedicado a Pessoa. No entanto, são várias as intervenções em que matiza, como já havia feito uma década atrás, o papel de Pessoa no seio do grupo; assim, por exemplo:

[pelo] por aí andam há uns poucos de anos a escrever o que pensam, o que sabem e, sobretudo, o que não sabem a respeito do «Orpheu» e do que em seu redor se passou durante, antes e depois do seu aparecimento, chega-se à conclusão que Fernando Pessoa era o chefe e Sá-Carneiro o sub-chefe dos outros obedientes rapazes, componentes do grupo que organizou aquela revista e contribuiu dentro das respectivas forças para o movimento literário que dali saiu e se tornou notado e notável. Convém explicar que isso não é verdade. Ali não houve nunca chefes nem subordinados. Nem Fernando Pessoa pensou em comandar, nem Sá-Carneiro teve em vista ser o seu lugar-tenente, nem tão pouco nenhum dos que faziam parte do mesmo grupo – que eu saiba – se sentiu alguma vez subordinado de quem quer que fosse. Cada um pensava pela sua cabeça [...] Fica, por consequência explicado que, no chamado grupo do «Orpheu», não houve chefes nem chefiados. Houve apenas bons camaradas que, mutuamente, se respeitavam (*República*, 10/02/1961, pp. 5 e 8)¹⁷.

15 A 22/10/1960, Alfredo Guisado indicava nas páginas do *República*:

Depois falaram [Côrtes-Rodrigues, Almada Negreiros e Guisado] como de costume nestas reuniões, não tendo esquecido o anunciado volume de memória que terá por título «O Orpheu por dentro», volume que Côrtes-Rodrigues prefaciará e no qual, cada um deles, deixará dentro das respectivas memórias a publicar, tudo quanto se passou antes e depois da saída da revista, no intuito de acabarem com as invencionices que em redor dela têm aparecido.

16 A. Guisado explicitava a sua vontade de contar a história do *Orpheu* assim (*República*, 21/06/1963, p. 5): Há talvez uma confusão no que se escreveu àquele respeito, confusão que aumenta de dia para dia. Indispensável se torna, portanto esclarecer, acabar com essa confusão, explicar o que naquele sentido se passou e como se passou. É o que eu pretendo fazer, porque o que se escreveu ainda se escreve a respeito do «Orfeu» e dos componentes do grupo que o apresentou, torna, por vezes, a condenável forma de lenda que é preciso destruir.

17 Insiste na mesma ideia também, por exemplo, nas páginas do mesmo jornal a 7/12/1962:

Os componentes do Grupo do «Orpheu», dedicavam a Fernando Pessoa uma grande estima, sentindo por pela sua obra uma também grande admiração. Isso, porém, não significava que o considerassem um chefe e que se deixassem conduzir ou influenciar. De modo nenhum [...] Fernando Pessoa nunca pretendeu impor-se, pois tratava todos como amigos e como de igual para igual.

E noutra ocasião, sobre F. Pessoa (*República*, 21/06/1963, p. 5): “Quem o conheceu, sabe que, pelo seu feitio mais parecia obediente comparsa que um ditatorial chefe”.

Por outro lado, A. Guisado mostra um particular interesse em identificar taxativamente os componentes do Grupo do *Orpheu*, entre os quais ele próprio: (*República*, 27/07/1962, p. 5):

Eram amigos, trocavam impressões sobre literatura, liam as respectivas produções, ouviram atentamente a opinião dos companheiros e assim foi aumentando o número até que se tornaram, durante muito tempo, quase que inseparáveis. Eram eles Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, José Pacheco, Luís de Montalvor, José de Almada Negreiros, Armando Cortês-Rodrigues e eu. Apenas estes. Mais dois, é certo, – Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens – mas esses estavam no Brasil. Apareciam, de vez em quando, vários que com a orientação literário do grupo concordavam ou que, como sucedeu com o Santa-Rita Pintor e o Raul Leal, foram colaboradores da famosa revista. Assistiam, algumas vezes, nas nossas reuniões, no restaurante «Irmãos Unidos» onde, obrigatoriedade, nos juntávamos. Silva Tavares, Diogo de Macedo, Augusto Ferreira Gomes, António Ferro e outros compareciam com frequência e muitas vezes também o António Ponce Leão.

Relativamente ao caso de António Ferro (falecido em 1956), Guisado explicita, volvido cerca de um mês, a sua não pertença ao *Orpheu* (“o António Ferro [...] – convém afirmar mais uma vez – não fazia parte do grupo como várias vezes se tem dito”, *República*, 31/08/1962, p. 5); note-se, neste sentido, que as cartas de Guisado conservadas no espólio de A. Ferro na Fundação António Quadros indiciam um desencontro importante entre os dois contra finais da década de 20 do século passado. Seja como for, as posições no campo político dos outrora amigos, durante o autoritarismo originado pelo golpe militar de 1926, é totalmente divergente; como se sabe, A. Ferro vai ser, a partir de 1933, o homem forte do regime para a cultura à frente do Secretariado Nacional de Propaganda (SNP), “organismo de seu campo do poder [do Estado Novo], que procura estabelecer uma relação com os agentes culturais apoiada nos eixos ideológicos do regime” (PINTO, 2008, p. 11). Curioso é, contudo, como Guisado exhibe a expulsão de A. Ferro do *Orpheu*: “o seu nome não consta da lápida que no ‘Irmãos Unidos’ se encontra a comemorar a publicação do ‘Orpheu’”. Da citação convém igualmente destacar a menção expressa ao restaurante Irmãos Unidos, empresa propriedade, desde o século XIX, da família Guisado, palco privilegiado de numerosas reuniões dos órficos que Alfredo Guisado refere com especial frequência nos seus textos acerca do grupo, em numerosas ocasiões à volta do famoso quadro de Almada Negreiros (*cf. infra*).

Outra das ideias recorrentes de A. Guisado nas suas tomadas de posição relativamente ao que se ia publicando acerca do Grupo do *Orpheu* dizia respeito ao “valor” literário dos seus membros, nomeadamente de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. De alguma forma, parece insurgir-lhe contra o amplo e crescente reconhecimento de que a obra pessoana e o próprio Pessoa é objeto, face ao que se publicava em redor de Sá-Carneiro, “mais poeta”, no parecer de Guisado:

Quem conheça as obras dos componentes do grupo que organizou esse discutido movimento dentro da nossa Literatura, pode, com facilidade verificar que, no campo da Poesia sobretudo, as duas figuras mais importantes foram o Fernando Pessoa e o Mário de Sá-Carneiro. Já tive ocasião de, em tempos, aqui dizer que me parece e suponho não me enganar, ser o Sá-Carneiro mais poeta do que o Pessoa. Este, possivelmente, mais profundo, mas aquele com mais sensibilidade poética (*República*, 11/10/1963, p. 5).¹⁸

A aversão, espécie de *teima* já mencionada, de Alfredo Guisado contra a publicação de epistolários serve-lhe para explicar o maior interesse da crítica literária por F. Pessoa (*República*, 11/10/1963, p. 5):

A resposta é extraordinariamente fácil. Porque [...] do Pessoa possuem os mencionados críticos, literatos e até mesmo certos catedráticos, etc., cartas com os suficientes elogios para, desde que a opinião de quem os escreveu se valorize, terem grande importância. Do Sá-Carneiro não as possuem e, portanto, não se preocupam em erguer o seu nome à altura do lugar que, na realidade, lhe pertence.

Falam nele alguns, diferentes vezes e de agradável maneira? É certo; mas reparem que o não fazem com a persistência e entusiasmo, com as rebuscadas palavras e adjectivos, que usam para com o Pessoa. Daquele que não têm em seu poder – repito – cartas elogiosas por ele assinadas. Não era tão benevolente nas suas apreciações. A pena de Fernando Pessoa era, nesse sentido a de um verdadeiro perdulário. Distribuía elogios constantemente. Basta que se diga que até eu fui dos mais contemplados.

Por último, referir-nos-emos ao entendimento que Guisado expressa relativamente à posição que lhe outorgam os diferentes estudos publicados durante as décadas centrais do século XX. Quanto à sua participação no Grupo do *Orpheu*, A. Guisado em todo o momento se entende, e assim o faz notar nas suas crónicas, como mais um elemento do Grupo¹⁹, apesar, como já foi mencionado, de a sua colaboração não ser constante e acabar por um afastamento formal e público. Neste sentido, são vários os textos em que Guisado se refere aos episódios

18 Note-se, porém, que quando em inícios da década de 60 participa em livro, espécie de homenagem à capital portuguesa, largamente ilustrada, com o texto “Poetas, prosadores e artistas” (GUISADO, 1961), refere unicamente, de entre os órficos, Fernando Pessoa – “Fernando Pessoa, que foi dos nossos dias, que tão falado vai sendo e tanto contribui para o engrandecimento da Poesia em Portugal” – autor ilustrado com reprodução do quadro que Almada Negreiros pintou para o restaurante Irmãos Unidos a pedido do irmão, António Guisado, na altura proprietário do restaurante (*cf.* “Um quadro”, *República*, 20/09/1963, p. 5). Diga-se de passagem que foram várias as ocasiões em que o “República das Letras” presta atenção ao famoso quadro de Almada Negreiros, chegando mesmo a promover um inquérito sobre qual o destino mais apropriado para o mesmo (*cf.*, por exemplo, *República*, 4/12/1964, p. 5).

19 Repara-se, por exemplo, no seguinte trecho guisadiano (*República*, 21/12/1962, p.4):

Fui dos que, quando a maior parte daqueles que, actualmente se consideram no posto mais avançado das Artes ou das Letras, não tinha nascido ou andava de bibe e calção, já se batiam na defesa do que se convencionou chamar modernismo. Sofri, como todos os meus companheiros de então e assim o provei já nestas colunas, os mais desagradáveis ataques na Imprensa quando, em 1915, fazendo parte do Grupo do «Orpheu», esse Grupo apresentou a famosa revista literária. A nossa luta, porém, contra uma Arte ou uma Literatura bafientas como as que dominavam nessa ocasião, não ia até ao ponto de negar, por completo, o valor a quem o tivesse, fosse velho ou fosse novo e só porque não seguia os nossos passos.

relativos à sua participação na revista; transcrevemos o seguinte referido ao segundo número da *Orpheu* (*República*, 26/05/1961, p. 5):

[Pessoa e Sá-Carneiro] Conheciam um longo poema que eu escrevera, a que dera o título de «Queda» e que ocuparia quatro ou cinco páginas, com diferentes e complicados gráficos, passagens escritas no alfabeto Morse, etc., poema, enfim, que irritaria – pelo menos assim o pensavam os directores – mais ainda os leitores já tão irritados com todos nós. Sá-Carneiro e Pessoa não desistiam da sua publicação, enquanto eu ia pensando no modo de a evitar. Entregue o poema para aquele fim, pois a colaboração dirigia-se ao Sá-Carneiro, ficando ele, por sua vez, encarregado de a entregar na tipografia, comecei a pensar na maneira de não ser publicado, como não foi. Ora o que se passou? Numa das nossas reuniões em que, por sinal, se encontrava o Santa-Rita Pintor, disse que me tinha lembrado de uma forma original de naquele poema apresentar a minha assinatura: - reconhecida pelo notário. O Santa-Rita exultou e o mesmo sucedeu com os futuros directores. Pedi então o poema com o pretexto de o levar ao tabelião.

O Sá-Carneiro, no dia imediato, entregou-mo. Passados outros dois ou três dias informei-o, fazendo-me bastante penalizado, de que, ignorando como, o poema se tinha extraviado e que, por mais que o tivesse procurado, não o conseguira encontrar. Não possuía outra cópia. Barafustou, irritou-se, aborreceu-se, mas o certo é que não colaborei. Ficam assim elucidados a este respeito os biógrafos de primeiro plano, os ensaístas de saber profundo e os críticos de boa medida. É que como isto de escrever sobre o «Orpheu» dá sempre dinheiro, aqui estão algumas linhas para um futuro trabalho em que, como de costume e a respeito desta revista, se decidam novamente a explicar o que não sabem e a não saber o que explicam.

O “comecei a pensar na maneira de não ser publicado” muito provavelmente deve-se à péssima reputação com que o meio lisboeta cercou os *malucos de Orpheu*. Segundo escreveu Luís Dantas (2010, p. 106), o próprio Guisado iria reconhecer que a decisão de não estender o seu envolvimento na *Orpheu* era consequência, em última instância, de uma decisão da família (de emigrantes e, portanto, com maiores riscos sociais)²⁰.

Se bem é verdade que o autor afirma em dado momento não se entender como *poeta* (“Para se ser poeta é imprescindível ser... poeta. É a única coisa que eu, confesso, tenho pena de não ser. Não me fadaram as Musas ou, melhor, não se acercaram de mim, com carinho e boa vontade para isso acontecesse”, *República*, 22/09/1954, p. 5) o certo é que as suas tomadas de posição nas páginas do *República* consultadas vão noutra direção: além do já referido, publica, com frequência, as críticas que a *Orpheu* tinha recebido na imprensa lisboeta de 1915 e, sobretudo, inclui em numerosíssimas ocasiões, na página literária por ele coordenada, poemas já publicados nalgum dos seus livros ou mesmo poemas inéditos assinados por *Alfredo Guisado*

20 “Foi tal o banzé”, disse-me o autor de *Xente da Aldea: Versos Gallegos* (1921), ‘que o meu pai ameaçou cortar-me a mesada, se publicasse mais *versalhadas* naquele pasquim. Tinha já deixado uns sonetos ao Mário de Sá Carneiro para o próximo número de Abril, Maio e Junho. Fui ter com ele para resgatar o manuscrito, com a desculpa de que ia manter a minha colaboração, mas com assinatura reconhecida pelo notário!’ (DANTAS, 2010, P. 106).

ou, mais frequentemente, pelo seu pseudónimo *Filomeno Dias*. Nesta direção, as reflexões que torna públicas no mesmo jornal (a 10/02/1961, pp. 5 e 8) parecem inequívocas:

Reparem os leitores que não quero tomar atitudes de pessoa importante da nossa Literatura, não me preocupando também com o que literariamente a meu respeito pense seja quem for, porque não sou nem pretendo ser poeta e porque não me interessa que se fale ou se deixe de falar do meu nome. Sinto-me, inteiramente, à vontade e satisfeito no *silêncio a que me votaram*. Sou *um ilustre desconhecido* e tanto que um afamado professor duma das nossas Faculdades de Letras, em livro que contém valioso estudo sobre a nossa Literatura, referindo-se ao «Orpheu», tem uma leve e brevíssima passagem na qual diz que A. Guisado emudeceu após a publicação daquela revista em que tinha colaborado. Suponho que esse A. Guisado seja eu, dado o apelido ser o mesmo, ter feito parte do mencionado grupo e a inicial coincidir com a primeira letra do meu nome. Se assim é, a citada declaração do mestre é a prova provada de que não conhece – e não perde nada com isso – os sete livros de versos que publiquei depois, em anos seguidos (itálicos nossos).

Meses depois, reclama também atenção para os outros órficos (já Pessoa e Sá-Carneiro, cabe interpretar, suficientemente conhecidos) e reivindica especialmente os sobreviventes (*República*, 13/10/1961, p. 4): “Os três que ainda existem, mais que não seja para serem observados como singulares personagens que representam ainda uma especial época pela qual atravessaram as Letras Portuguesas”. No mesmo texto, ademais de reivindicar o conhecimento da *realidade* do *Orpheu*²¹, deixava um alerta aos leitores:

Convém avisar o público que uma grande parte desses indivíduos tem por fim escrever trabalhos literários sobre os mencionados poetas ou sobre a revista em causa, no intuito da venda garantida que encontra no mercado. É sempre, com enorme interesse, que esses trabalhos literários são recebidos, porque se convencem os leitores de que tendem a elucidá-los, quando, afinal, na sua maioria, contendo verdadeiras histórias que podem ser consideradas como das da Carochina, induzem em erro quem as adquira.

A última intervenção do produtor em foco, de que temos conhecimento, data de 1973, no âmbito de programa da Rádio Televisão Portuguesa dedicado a F. Pessoa²². Na entrevista, enquanto “último sobrevivente” do *Orpheu*, Guisado – aparentemente agradado por ser associado a F. Pessoa – reivindica (como já havia feito inúmeras vezes nas páginas do *República*) o restaurante familiar Irmãos Unidos como local de reunião do grupo; mais uma vez, nega o alegado alcoolismo do autor da *Mensagem*; e, taxativamente, outra vez, indica quais eram os membros do Grupo do *Orpheu*.

21 No “República das Letras”, Joaquim de Oliveira afirmava, em linha com os eventuais propósitos de Guisado (9/02/1962, p. 5):

O meio intelectual muito ficará devendo ao Dr. Alfredo Guisado, detentor da chave simbólica daquela filosofia e da ocasião própria para fazer luz sobre a verdade e pôr em cheque certos críticos mercenários [...] Pedro de Menezes, modesto pseudónimo que envolve um Poeta de alto valor sempre avesso à exibição e aos gritos da publicidade, lutador intelectual por excelência e arguto sociólogo analisador em crónicas epigramáticas.

22 Acessível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fernando-pessoa-e-a-revista-orpheu/>

Conclusões

O rápido percorrido por várias tomadas de posição de Alfredo Guisado a respeito do processo de canonização do Grupo do *Orpheu*, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, nomeadamente, mostra que o tal processo, a miúdo entendido como pacífico e unânime, apresentou lutas não menores no campo literário português, em várias dimensões. Neste sentido, cabe destacar o facto de Alfredo Guisado estar, a partir de 1926, remetido à oposição consentida ao regime autoritário (intervém fundamentalmente nas páginas do opositor *República*) o qual irá limitar as suas possibilidades de ser (re)conhecido no meio literário luso, marcado, como toda a vida cultural da altura, por critérios heterónomos, de índole política ou ideológica. Neste quadro, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro ou Almada Negreiros (ambíguos ou mesmo hostis face a República antes de 1926, como é notório) não seriam, cabe interpretar, incómodos ao novo regime autoritário em construção, antes pelo contrário se entendermos, por exemplo, o repertório literário do premiado pelo Secretariado Nacional de Propaganda *Mensagem* como “obra de alto sentido nacionalista”, segundo A. Ferro (*apud* BARRETO, 2015, p. 32); prémio, como se sabe, concedido graças à intervenção, entre outros, do próprio A. Ferro (*cf.* TAIBO, 2010)²³. As tomadas de posição de Alfredo Guisado, em linha com a sua posição no campo político enquanto opositor democrata, insurgem-se, dentro das margens que a censura permitia, contra a elaboração de uma interpretação *nacionalista* ou de apologia do autoritarismo, afim ao quadro ideológico do novo regime, acerca principalmente de Fernando Pessoa (a despeito, diga-se de passagem, do desiludido Pessoa dos últimos meses de vida; *cf.* Zenith, 2010, p. 159). Por outro lado, face à progressiva centralidade no sistema literário português que Fernando Pessoa vai ganhando, pouco e pouco, graças ao labor de numerosos críticos literários e académicos, Guisado, testemunha inconformado, reivindica a produção literária de M. de Sá-Carneiro ao passo que matiza o papel daquele enquanto *primus inter pares* no seio do Grupo do *Orpheu*; sem deixar de o elogiar largamente, dedica a Pessoa expressões como “obediente comparsa” ou “verdadeiro perdulário”.

A exposição até aqui feita com recurso a numerosas citações permite debuxar, igualmente, um Alfredo Guisado indubitavelmente interessado, durante as décadas centrais do século XX, em fazer constar o seu nome (e a sua obra literária) dentro do denominado Grupo do *Orpheu* (destacando para tal, por exemplo, o restaurante familiar Irmãos Unidos como palco privilegiado dos órficos). Paralelamente, contrariado com a *narrativa* em construção (“lenda que é preciso destruir”, chega a afirmar, como vimos), dispõe-se a desenvolver a sua própria *narrativa* – *O Orfeu por dentro...* –, o que faz só parcialmente nas páginas do *República*, com, concluímos, escassa repercussão. Face ao estado do campo literário ao que assiste, intervém assinalando a *ganância* dos críticos, interessados em fazer-se um nome (e outros capitais), no dizer de Guisado, com base nos numerosos trabalhos que se publicam principalmente acerca de F. Pessoa. A *cruzada* guisadiana, encimada pela defesa das *reais essências* do *Orpheu* (na

23 Almada Negreiros, também objeto de atenção pelos da *Presença*, vai ser, por seu turno, “consagrado oficialmente pelo salazarismo” em 1942, ao receber o prémio Columbano (BARREIRA, 1981, P. 63).

perspetiva, claro está, do autor em foco), apesar da longevidade do autor (usufruindo, portanto, mais tempo para intervir no campo), concluímos, não teve os efeitos por ele desejados, sendo hoje Guisado, no âmbito do sistema literário português, como ele próprio afirmou (com certa amargura, interpretamos) um “ilustre desconhecido”. Espelha, por outro lado, aquilo que referiu esclarecidamente Carlos Leone (2005, p. 37), “o Orpheu foi [é] vários”.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor. A constituição da categoria periodológica de modernismo na literatura portuguesa. *Diacrítica*, 10, pp. 137-164, 1995.

Amaro, Luís. Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro para Alfredo Guisado. Barreira, Cecília. **Nacionalismo e modernismo. De Homem Cristo Filho a Almada Negreiros**. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 61-77, 1981.

BARRETO, José (ed.). **Sobre o fascismo, a ditadura militar e Salazar. Fernando Pessoa**. Lisboa: Tinta da China, 2015.

Diário de Notícias, 23/04/1970, pp. 18-19.

DANTAS, Luís. **Retratos gallegos** [edição de autor], 2010.

DIABO (o), 1935 e 1936.

Fonseca, Manuel S. **Que Salazar era o Salazar de Fernando Pessoa? Textos de Fernando Pessoa**. Lisboa: Guerra & Paz, 2015.

GASPAR SIMÕES, João. Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa I. **Seara Nova**, 210, pp. 279-280, 1930.

_____. Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa II. **Seara Nova**, 211, pp. 291-294, 1930a.

_____. Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa (Conclusão). **Seara Nova**, 212, pp. 315-317, 1930b.

_____. **Vida e obra de Fernando Pessoa (História de uma Geração)**, vol. I. Lisboa: Livraria Bertrand, 1950. pp. 233-297.

_____. Introdução. In: **Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões**. Lisboa: Europa-América, 1957, pp. 7-28.

_____. **História da poesia portuguesa**. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1959, pp. 491-523.

_____ e MONTALVOR, Luiz de (eds.). **Poesias de Fernando Pessoa**, 2ª ed. Lisboa: Ática, 1943 [1942].

Guisado, Alfredo. Poetas, prosadores e artistas. In: **Alfacinhas. Lisboetas do passado e do presente**. Edição de Fernando Souza. Lisboa: Litografia Amorim, 1961, pp. 137-138.

_____. **Tempo de Orfeu**. Lisboa: Portugália, 1969.

JÚDICE, Nuno. **A era do “Orpheu”**. Lisboa: Teorema, 1986.

LEONE, Carlos. **Portugal extemporâneo. História das ideias do discurso crítico português no século XX**, vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, pp. 25-107.

LOPES, Óscar. **História Ilustrada das Grandes Literaturas. VIII. História da Literatura Portuguesa**, vol. II. Época Contemporânea. Lisboa: Estúdios Cor, 1973, pp. 715-717.

LOURENÇO, António Apolinário. Introdução. In: Alfredo Guisado. **Tempo de Orfeu**. Coimbra: Angelus Novus, 2003, pp. XI-XLIX.

_____. Alfredo Guisado: Um Modernista Acidental?. In: **1915: o ano do ORPHEU**. Lisboa: Tinta da China. 2015, pp. 285-296.

MARTINES, Enrico. **Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença**, vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

MUNDO (O), 2015.

PAZOS-JUSTO, Carlos. **Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)**. Santiago de Compostela: Laiovento, 2010.

_____. **Relações culturais intersistémicas no espaço ibérico. O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1930)**. Vilanova de Famalicão: CEHUM/Consello da Cultura Galega, 2015.

PINTO, Rui Pedro. **Prémios do Espírito. Um estudo sobre Prémios Literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo**. Lisboa: ICS/Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

Presença, 1927-1930.

REPÚBLICA, 1950, 1954, 1960-1964.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândido Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco**. Porto: Limiar, 1977.

SILVA, Manuela Parreira da (ed.). **Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

SILVA, Patrícia. Alfredo Guisado and the Orpheu Affair: Tracing the Magazine's Reception and Impact through the Távora Archive. **Pessoa Plural**, 12, pp. 287-332, 2017.

TAIBO, Carlos. **Parecia não pisar o chão. Treze ensaios sobre as vidas de Fernando Pessoa**. Santiago de Compostela: Através Editora, 2010.

ZENITH, Richard. **Fotobiografias do século XX. Fernando Pessoa**. Lisboa: Temas e Debates, 2010.